

V Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar  
III Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar  
e II Feira de Empreendedorismo  
**da Unifimes**

17, 18 e 19 de maio de 2021

**Contemplações quanto a Educação Sexual na Adolescência**

Matheus Alves Vargas<sup>1</sup>

Aristóteles Mesquita de Lima Netto<sup>2</sup>

Milena Silveira Resende<sup>3</sup>

Paula Maria Trabuço<sup>4</sup>

**Resumo:** Para o referido trabalho utilizamos Biancon (2009), Gonçalves; Faleiro; Malafaia (2013) e MORAES; VITALLE (2015), como base estrutural para o desenvolvimento do trabalho. O artigo possui a finalidade de comentar sobre o que é a educação sexual, como está relacionada ao contexto familiar e contexto escolar, trazendo reflexões no intuito de tecer um conhecimento crítico ao assunto. Desta maneira, irá abordar primeiramente a educação sexual, em que se baseia e qual o intuito dela. O segundo ponto é o contexto familiar, como se dá este contexto, o que lhe apresenta e sua importância para o desenvolvimento da criança e do adolescente. Por último vem o contexto escolar, quais as contribuições que se espera da escola, quais as complicações que se tem na relação da família e escola, com o aluno. As considerações finais ressaltam a importância da educação sexual, qual a complexidade da discussão deste tema nos vários contextos que se encontra o adolescente, não sendo fácil de se falar abertamente desta temática nestes ambientes. Por conta de ser uma temática muito complexa e difícil de se colocar em evidência, ainda se liga muito ao tabu, do que pode ou não pode ser tido, assim dificultando a disseminação e diálogo do mesmo. Assim aliado a escola e ao contexto familiar, são aliados perfeito para discussão e apresentação da temática, assim garantido o direito do adolescente a educação sexual. Em toda pesquisa, o foco maior foi artigos entre 2009-2020, para trazer o assunto para o contexto atual, assim tendo uma pesquisa delicada ao tema. Portanto, o intuito do trabalho é incitar outros alunos e professores a trabalharem a respeito desse tema, trazendo novos estudos e mais questionamentos nas instituições de graduação.

**Palavras-chave:** Educação. Sexual. Adolescência. Escola. Família.

## INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Bolsista PIBIC Unifimes - [matheusvargaspsicologia@gmail.com](mailto:matheusvargaspsicologia@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutorado e Mestrado em educação, Docente Unifimes.

<sup>3</sup> Mestranda em Educação, graduada em Ciência da Computação. Docente da Unifimes.

<sup>4</sup> Doutoranda em Psicologia clínica e cultura, mestre em educação, graduada em psicologia. docente Unifimes.

**V Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar**  
**III Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar**  
**e II Feira de Empreendedorismo**  
**da Unifimes**

17, 18 e 19 de maio de 2021

Muito se fala sobre sexualidade, mais pouco se compreende sobre ela, por se tratar de um tema que perpassa a esfera do subjetivo e do normativo. E quando se acrescenta uma proposta de educação sexual encontramos um discurso enraizado em parâmetros do público e do privado, do certo e do errado, do dito e do não dito. E diante de tantas (in)verdades sobre o tema, sempre se faz importante um resgate conceitual sobre todas as esferas que perpassam a sexualidade. Este artigo tem como intuito abordar algumas áreas que envolvem a educação sexual, entrelaçando os elementos conceituais com os diversos contextos em que ela se situa, como o familiar e o escolar e que, conseqüentemente, favorecem ou não, o processo do ensino do desenvolvimento sexual do adolescente e da criança. Sabe-se que a adolescência é um período visto e vivido por grandes mudanças biológicas, psicológicas e sociais do indivíduo e que pode ser experienciadas de forma conflitante e confusa se não compreendida em suas sutis nuances. É um momento de transição da infância para idade adulta, que permitirá que este sujeito leve em sua bagagem corporal e emocional diversos fatores ligados a como ocorreu as elaborações das experiências vividas na adolescência.

A sexualidade, contrariando o senso comum, está presente na vida humana desde o nascimento, mas é na adolescência que ela recebe um caráter social de relação e é mais intensificada diante das mudanças corporais, nos desejos e nas interações com o outro e no que é aprendido nas esferas do conhecimento adquirido. Conforme as ideias de Silva Junior (2012), o primeiro local em quem este conhecimento é passado é a família, que possui papel importante no desenvolvimento da criança e do adolescente, seja ele, sócio-histórico, sexual, biológico ou psicológico. Mesmo com toda essa importância, percebe-se que em pleno século XXI, com a facilidade de acesso as informações, esse tema não encontra espaço de diálogo com facilidade, por ainda ser considerado um tabu e algo que não se deve, ou não se sabe como falar, passando, muitas vezes a cargo da escola esse papel de formação.

Se baseando das ideias de Biancon, acredita-se, que o contexto escolar deveria ser uma engrenagem a funcionar na busca de uma educação sexual emancipatória, porém os atores atuantes também possuem a mesma dificuldade, e as vezes até maior, que a esfera familiar, restringindo seus diálogos a discursos higienistas e biologizantes da sexualidade achando que educação sexual se resume ao corpo e a biologia, negligenciando outros saberes sobre este assunto. Mesmo com leis e a constituição garantindo este direito na formação dos sujeitos escolares, eles não são cumpridos na prática, por medo, preconceito ou ignorância.

Diante de tal problemática, espera-se com esta pesquisa propiciar um espaço de compreensão de conceitos, mas também de reflexão para a temática, retirando o olhar de buscar

**V Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar**  
**III Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar**  
**e II Feira de Empreendedorismo**  
**da Unifimes**

17, 18 e 19 de maio de 2021

culpados e sim de formar interlocutores que visem o resgate da sexualidade como uma dimensão essencialmente humana a ser experienciada em sua magnitude e singularidade em cada etapa da vida.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa trata-se de uma revisão bibliográfica sobre o tema Educação Sexual utilizando como etapa de estudo de enfoque a adolescência. Inicialmente buscou-se cumplices teóricos que abordassem os conceitos fundamentais sobre o tema. Em seguida buscou-se artigos que trabalhem essa temática e sua aplicabilidade na faixa etária estudada.

Para a confecção deste trabalho e para obter os resultados discutidos foram utilizados artigos publicados em periódicos científicos, pesquisados nos bancos de dados e plataformas da “SciELO” e “Google Acadêmico”. Como descritores foram utilizadas as palavras “educação sexual” e “educação sexual na adolescência”.

Buscou-se utilizar artigos publicados nos últimos dez anos, fazendo a seleção direcionada em produções entre 2009 a 2020 que trazem a discussão da temática central considerando a realidade cultural, econômica e social que o país se encontra. No total, foram encontrados 15 (quinze) artigos.

Após a leitura dos resumos foram selecionados apenas 8 (oito) para a leitura em sua totalidade. Os outros 7 (sete) foram descartados por não atenderem os critérios de inclusão para produção deste estudo, por abordarem temas como abuso e violência sexual. Sendo assim, foram utilizados 6 (seis) do total encontrado, por abrangerem uma área maior da temática como a família, educação sexual do adolescente e a escola.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Partindo das ideias de Moraes e Vitale (2012), a adolescência é um período de modificação, entre as fases da infância e a idade adulta. Um processo de desenvolvimento que tem características singulares, no campo biológico, psicológico e social. Descrita como uma fase de intervalo de idades, há uma polemica envolvendo cunho jurídico e psicológico, com debates relacionadas as capacidades deste adolescente de entendimento e relacionamento, em detrimento de uma atitude diante sua responsabilidade e autonomia. Um amadurecimento

# V Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar III Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar e II Feira de Empreendedorismo da Unifimes

17, 18 e 19 de maio de 2021

começa a ser cobrado pela família, meios sociais em que este jovem está inserido, sendo constantemente questionado em suas ações e no que acredita.

Entramos na ideia de que havendo toda essa cobrança, o estado e a família desempenham um papel importante no que tange sua formação. Segundo a Constituição Federal de 1988 a educação é um direito de todos e é dever do Estado e da família promover, com a colaboração da sociedade, o desenvolvimento da pessoa, no que tange seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988). Diante disso, fica a seguinte indagação: Cobra-se uma conduta adequada ao sujeito que se torna adolescente e que que ele amadureça, mas dá-se a devida educação para que isso ocorra? E a família tem feito sua parte nesta formação, de forma presente? E como fica a educação sexual nos diversos setores do desenvolvimento deste adolescente?

Em busca de respostas para estes questionamentos, encontramos em MORAES; VITALLE (2015) um debate que envolve a deficiência da implementação das legislações estabelecidas, inclusive no que tange o nível de informação dos adolescentes sobre sua sexualidade. Segundo estes autores:

A Conferência Internacional de Direitos Humanos de Viena (1993) recomendou aos países a eliminação de todas as formas de discriminação com base no sexo, destacando a importância do desenvolvimento harmonioso da personalidade de meninos e meninas, garantindo-lhes proteção plena e um ambiente familiar seguro. (MORAES; VITALLE, 2015, p.2527)

Diante deste olhar sobre o desenvolvimento deste importante parcela da população, enfatiza que se deve pensar em políticas públicas que visem garantir o que chamam de saúde sexual, pois impactos negativos ou positivos terão desdobramentos significativos no futuro destes.

## EDUCAÇÃO SEXUAL

Conforme as ideias de Gonçalves; Faleiro; Malafaia (2013), educação sexual se baseia em oferecer condições para que os indivíduos manifestem seu corpo e sua sexualidade, através de atitudes positivas, livres do medo de julgamento, estereótipos, arrependimentos, tabus e insegurança. A pedagogia sexual necessita ser interpretada como um direito da criança e do adolescente, em aprender a conhecer seu corpo, criar uma visão positiva e clara da sua sexualidade. Assim, mantém um diálogo claro em suas relações, pensamento crítico em relação ao seu próprio comportamento e do outro. Isto deve ser desempenhado pela família e

**V Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar**  
**III Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar**  
**e II Feira de Empreendedorismo**  
**da Unifimes**

17, 18 e 19 de maio de 2021



educadores, tendo a devida preocupação na forma de ser transmitir este tipo de conteúdo, que seja de uma forma sadia, e de acordo com os direitos humanos.

A ONU teve ao longo de sua atuação muitas discussões sobre saúde sexual e reprodutiva, no início com uma política um tanto controladora e mais tarde (e ainda alcançando) uma abordagem em direitos<sup>4</sup>. Outro ponto importante é o envolvimento de jovens e adolescentes nos problemas sociais, econômicos e culturais. Vistos como a próxima geração, entende-se que devam desenvolver seu potencial para aprender a manter-se saudável, planejar e criar seus filhos e estarem mais protegidos das altas taxas de mortalidade materna e morbidade, abortos inseguros, altos índices de doenças sexualmente transmissíveis e filhos abandonados como aponta o cenário mundial (MORAES; VITALE, 2015, p.2524)

Acrescenta-se aqui o que está disposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) no que se relaciona com a presença da temática nos currículos escolares. Tem-se a apresentação da sexualidade como: “[...] uma questão muito atual e presente no cotidiano de todos os profissionais da educação sendo a postura a ser adotada, dentro das escolas, em face das manifestações da sexualidade dos alunos” (BRASIL, 2001, p. 119). Essa proposta deve ser trabalhada

[...] de forma contínua e integrada. [...] Desta forma, optou-se por integrá-la por meio do que se chama de transversalidade: pretende-se que esses temas integrem as áreas convencionais de forma a estarem presentes em toda as elas, relacionando-as às questões da atualidade (BRASIL, 2001, p 36).

A inclusão da educação sexual como tema transversal nos PCN, abre-se um novo horizonte que requer um envolvimento sério dos profissionais da educação e que contribui para que os alunos possam exercer e desenvolver sua sexualidade com responsabilidade e prazer. Compreende-se aqui, que é importante haver uma ação de ensino aprendizagem sobre sexualidade humana, seja em nível de conhecimento de informações básicas discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimento, emoções e atitudes relacionadas à vida sexual.

Conforme citado anteriormente, busca-se uma educação sexual emancipatória que de forma “positiva, integral, afetiva e plena” haja espaço para a reflexão dos papéis tradicionais e sobre convicções ideológicas, mostrando-se os atores da educação disposto a passar por uma reeducação da própria sexualidade, embasada em fundamentos históricos e científicos que possam desencadear práticas transformadoras.

Vivemos num ambiente "sexualizado" e os discursos sobre a sexualidade se entrelaçam confusos, mistificadores, apelativos, enquadradores e questionantes em todas as esferas do cotidiano. Hoje temos uma visão de

# V Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar III Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar e II Feira de Empreendedorismo da Unifimes

17, 18 e 19 de maio de 2021

sexualidade e uma utilização do sexo como mercadoria na sociedade capitalista, pois tudo o que se refere a esse assunto “vende”. (TRABUCO; SIQUEIRA,2018, p.02)

Porém, o real está muito longe do ideal, segundo enfatizado por Biancon (2009) ao evidenciar que a escola muitas vezes nega discutir questões sobre essa temática, por terem dificuldade em lidar com o assunto, primando por uma Educação Sexual a partir do modelo higienista, ou seja, discutem a fisiologia do o aparelho reprodutor e toda sua funcionalidade, as doenças sexualmente transmissíveis (DST) e suas formas de prevenção, a orientação de utilização de métodos contraceptivos e, quando “se atrevem” a orientar o uso da camisinha, utilizam símbolos como “uma banana” como modelo.

## CONTEXTO FAMILIAR

O contexto familiar é um desafio para a educação sexual, muitas vezes visto apenas como “ensinar a ter relação sexual” ou “falar sobre sexo”, ideia deturpada, sendo assim, muitas vezes negligenciada e até reprimida por não ser aceita no ambiente familiar.

Conforme as ideias de Silva Junior (2012), falar sobre sexualidade é dialogar, apresentar e conhecer, não sendo uma atividade fácil, mas que se refere a uma riqueza desta esfera humana. Existe um justapor de perspectivas históricas que se sobrepõem a ela, e acabam por produzir um certo desconhecimento do ser humano com a sua sexualidade.

Como se trata de um tema obtuso, ainda mais no interior do espaço escolar, a educação sexual é sempre muito polêmica. Durante algum tempo ela foi cerne nas discussões sobre planejamento familiar e/ou controle de natalidade. E essa conexão entre educação sexual e planejamento familiar, na sua acepção mais enraizada, não é um simples fator técnico, mas sim um fator social, estrutural, histórico. Todos os indivíduos, enquanto sujeitos construídos socialmente, estão sujeitados a um esquema de ajuste sexual que é estabelecido, em última instância, pelas estratificações sociais. (SILVA JUNIOR,2012, p.219,2012).

A sexualidade, segundo Gonçalves, Faleiro, Malafaia (2013), encontra-se em uma condição delicada no contexto brasileiro, se considerar um escrúpulo dialogar sobre este tema. Adolescentes e crianças se sentem retidos em relação a falar sobre as suas dúvidas e possibilidades e vivencias sobre o tema. Possivelmente esteja ligado a ser visto pela família, como algo sujo, perverso e obsceno, deslocando esta família para fora da zona de conforto.

Dentro desta ideia, é importante considerar que “a educação sexual deve ser feita de forma a construir conhecimentos desprovidos de qualquer tipo de ideia que a alie a sexualidade à impureza ou coisa pecaminosa.” (GONCALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013, p. 253.).

**V Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar  
III Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar  
e II Feira de Empreendedorismo  
da Unifimes**

**17, 18 e 19 de maio de 2021**



Os pais não querem e/ou não conseguem lidar com esta situação nova, ou antiga, porém usam de discursos de repressão para fugir desta responsabilidade, sendo negligente com o direito da criança e do adolescente no que se refere à educação.

Na atualidade, os pais eximem-se da responsabilidade de educar sexualmente os filhos por acreditarem que eles são jovens demais para falar sobre o assunto. Para diversos adultos, a sexualidade é um assunto proibido para crianças e adolescentes de pouca idade e assim evitam discutir com eles os questionamentos relacionados ao tema. (GONCALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013, p. 256).

A família é um importante pilar, deve estar alinhada juntamente com a escola, pois, o silêncio sobre o tema coloca a criança e o adolescente como seres assexuados, que ainda não podem aprender sobre isto, fazendo delas refém do desconhecido. E ainda mais, coloca, no adolescente, a sexualidade como um ato apenas genital, desprovida de emoção e sensação, que precisa ser evitada.

Embora nossa civilização tenha, nos últimos anos, vivido alguns momentos de maior liberalidade em relação aos comportamentos sexuais dos jovens, a sexualidade ainda é considerada exclusiva do mundo adulto e isso significa um controle do exercício da sexualidade das crianças e adolescentes. (GONCALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013, p. 255).

É de extrema importância a família desconstruir essas ideias, que foram enraizadas desde sua infância e que perpassam gerações e gerações. Sabe-se não é tarefa fácil, porém é um caminho a se seguir caso não queiram repetir o mesmo processo de enraizamento, como evidenciado pelos autores:

Esse fato demonstra a necessidade de os pais terem acesso a um processo de educação sexual emancipatório para que possam refletir sobre suas crenças, rever seu posicionamento e reformular conceitos equivocados e preconceituosos acerca da sexualidade. Para que os pais possam desvincular a sexualidade de estereótipos e tabus e desta forma oferecer uma boa educação sexual aos filhos é fundamental que revisem suas dificuldades por meio de leituras, reflexões e discussões sobre o tema. Assim, será possível informar e orientar seus filhos de forma mais positiva e isenta de preconceitos e atitudes anti-sexualidade. Além disso, é necessário que os pais repensem valores e atitudes repressivas que estão enraizados por causa da influência da educação sexual ao qual foram submetidos. (GONCALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013, p.257).

## **CONTEXTO ESCOLAR**

Seguindo as ideias de Biancon (2009), no Brasil há algum tempo existem dificuldades em implementar a educação sexual, atribuindo na maioria das vezes o papel do porta voz deste assunto aos professores de ciências e biologia. Os docentes tendem a evitar esse papel, por ser

V Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar  
III Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar  
e II Feira de Empreendedorismo  
da Unifimes

17, 18 e 19 de maio de 2021



polêmico e possivelmente entrar em choque com os seus pensamentos e sobre as crenças familiares sobre a temática, gerando conflitos internos e externos na hora de expor este tipo de conteúdo.

Desde a Lei 5.692/71, a educação é proposta como um processo global que visa à formação integral do educando, devendo incluir, portanto, a Educação Sexual como parte de um processo intencional, mesmo que os valores sociais, éticos e políticos relacionados com a sexualidade estejam presentes nas relações interpessoais de forma não intencional. (BIANCON,2009, p.03).

Conforme Biancon (2009), considere-se uma educação anti-sexual, aquela que irá aglutinar uma totalidade de convicções e valores desenvolvidos pelos educadores, proveniente dos meios onde vivem, isto inclui a família, os amigos e outras bolhas de intimidade, igreja, que não abrange e nem inclui o ideal do entendimento do conhecimento de sexualidade humana. Isto possivelmente pode impedir de conhecerem todos os ângulos que gira em torno da sexualidade, sejam eles, psicológicos, sociais e biológicos, fazendo com que se tornem indivíduos preconceituosos, trazendo uma vastidão de ideias carregadas de tabus e ignorantes a conhecimentos novos.

Dessa forma, os PCN (2001) têm o objetivo de se incorporar nas áreas já existentes e no trabalho educativo da escola, propondo uma educação comprometida com a cidadania, baseada nos princípios constitucionais que orientam o processo ensino-aprendizagem: Dignidade da pessoa humana; Igualdade de direitos; Participação ativa para a cidadania; Corresponsabilidade pela vida social. [...] Já há algum tempo, a Educação Sexual chegou às escolas no Brasil, ainda que, de início, dentro de uma visão médico-biologista da sexualidade e normativa institucional, o que revela uma significativa resistência em considerar e acolher a Educação Sexual como parte da educação global do indivíduo. (BIANCON,2009, p.03, 04).

As dificuldades, conforme Biancon (2009) cita em sua pesquisa, apontam as barreiras que professores possuem em dialogar sobre o tema, difícil em se expressar e sem deixar **que as suas** crenças interfiram no conteúdo, também se tem um problema por conta de a linguagem coloquial e certamente vulgar que os alunos usam dentro da sala de aula.

“a escola, via de regra, nega-se a discutir essa questão por incapacidade ou por dificuldade em lidar com o assunto.” Podemos considerar que essa negação leva muito mais para uma educação anti-sexual do que para a formação de uma sexualidade saudável. (BIANCON,2009, p.02).

É necessário, não apenas inclusão da educação sexual na escola, por ser a sexualidade uma característica do indivíduo, universal e nem invariavelmente erudito, mais um preparo dos agentes da educação para lidar com este tema, pois irá traspasar as ações do cotidiano de professores (Biancon 2009).

**V Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar**  
**III Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar**  
**e II Feira de Empreendedorismo**  
**da Unifimes**

17, 18 e 19 de maio de 2021

Recentemente tivemos a polêmica relacionado “Cartilhas de Orientação Sexual” que foram disponibilizadas as escolas como um manual de como ensinar sexualidade para os alunos. Em seu conteúdo exemplificam e explicam o ato sexual trazendo questões que se referem a prazer e a masturbação. São ilustradas e usam uma linguagem simplificada, de modo que facilitem o entendimento da criança e do adolescente sobre o conteúdo.

Percebe-se, o que foi evidenciado pelos os autores utilizado neste estudo é que as políticas e as propostas de formação não estabelecem subsídios consistente de preparação docente para fazer face aos problemas enfrentados pela educação escolar em nosso país relacionados a sexualidade do adolescente.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Toda ideia de educação sexual, é um tanto complexa de ser debatida nos contextos familiares e escolar. De modo algum é fácil discutir isto com os filhos, amigos, alunos etc. Por conta dos dogmas religiosos, crenças pessoais e coletiva, a educação sexual não é um assunto debatido no cotidiano das famílias, restando as vezes pequenas parcelas de piadas e risadas. Os indivíduos nem sabem dizer o que é educação sexual, por conta de não se ter uma estrutura que inclua e efetive este tópico nas discussões sobre o desenvolvimento e formação da criança/adolescente.

Ainda temos a questão relacionada ao que se pode ou não dizer sobre sexualidade. Existe um discurso imposto pelo contexto social e familiar que dificulta o papel da escola, pois percebe-se um conflito de interesses relacionado ao que a sociedade espera desta dimensão e o que o educando, ou seja, a criança ou adolescente, necessita saber. Alguns destes discursos soam confusos, já que algo em detrimento do que é público e privado, alguns assuntos podem ser ditos em casa e outros não, e assim também ocorre nas escolas. Uma linha muito delicada de se cruzar.

A escola exerce um papel importante no conhecimento do aluno sobre a sua sexualidade, sendo necessário abrir espaços para que este assunto seja levantado, para que os questionamentos sejam debatidos e assim tecer a formas de irá lidar com assuntos considerados tabus para sociedade. Para que isso ocorra, os professores também necessitam de ter este espaço de formação, para que não se sintam sozinhos ao falar com os alunos, para que possam lidar com a própria sexualidades e preconceitos. Com isso, a atuação como educador sexual não é

**V Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar**  
**III Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar**  
**e II Feira de Empreendedorismo**  
**da Unifimes**

17, 18 e 19 de maio de 2021



tão simples como possa parecer e não basta ter recebido um “treinamento” prévio ou o uso de cartilhas deve levar o professor a refletir acerca do tipo de educação com o qual se compromete.

Reflete-se, sobre o que foi visualizado nos trabalhos dos autores utilizados, que é por meio da sexualidade que o homem se relaciona com o mundo, com o tempo e com outros homens e através da análise do que se foi construído sobre esse tema reforça-se o argumento de que sociedade ainda se encontra marcada por conceitos e falas presentes desde séculos anteriores que, infelizmente, ainda abordam a sexualidade como algo a ser escondido, regrado e muitas vezes inexistente.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado **Federal**: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: 2001 MEC/ SEF, v.8.

BIANCON, M. L. A Educação sexual na escola e as tendências da prática pedagógica dos professores. In: **I Simpósio Internacional de Educação Sexual**, 2009, Maringá. Anais on-line do I Simpósio Internacional de Educação Sexual, 2009.

GONÇALVES, Randys Caldeira; FALEIRO, José Henrique; MALAFAIA, Guilherme. EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO FAMILIAR E ESCOLAR: IMPASSES E DESAFIOS. **HOLOS**, [S.l.], v. 5, p. 251-263, out. 2013. ISSN 1807-1600. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/784>>. Acesso em: 11 abr. 2021. doi:<https://doi.org/10.15628/holos.2013.784>.

MORAES, Silvia Piedade de; VITALLE, Maria Sylvia de Souza. Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência: interações onu-brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 20, n. 8, p. 2523-2531, ago. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015208.03112014>.

**V Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar  
III Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar  
e II Feira de Empreendedorismo  
da Unifimes**

**17, 18 e 19 de maio de 2021**

MORAES, Sílvia Piedade de; VITALE, Maria Sílvia de Souza. Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência. **Revista da Associação Médica Brasileira**, [S.L.], v. 58, n. 1, p. 48-52, jan. 2012. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-42302012000100014>.

SILVA JUNIOR, J. A. DA. SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO. **Revista Lugares de Educação**, v. 1, n. 2, p. 218-238, 6 abr. 2012.

TRABUCO, Paula Maria; SIQUEIRA, Teresa Cristina Barbo. RELAÇÕES DE SABER E DE PODER NOS DISCURSOS SOBRE SEXUALIDADE. **Revista Educação, Psicologia e Interfaces**, Campo Grande, v. 02, n. 1, p. 47-70, 04 abr. 2018. Trimestral. Disponível em: <https://educacaoepsicologia.emnuvens.com.br/edupsi/article/view/117>. Acesso em: 11 abr. 2021.